

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Arte e trauma *Art and trauma*¹

Daniel Wojcik

Universidade de Oregon

Resumo

Esse artigo é um extrato editado de *Outsider art: Visionary Worlds and Trauma [Arte Outsider: mundos visionários e trauma]*, de Daniel Wojcik, University Press of Mississippi, 2016.

1- Tradução Daniela Kern
Orcid 0000-0001-8292-946X
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Ainda que haja um extenso corpo de literatura sobre prática e teoria da arte-terapia, há muito menos escrito sobre a criação espontânea de arte por indivíduos que, através de sua própria engenhosidade, usaram a criatividade como uma forma de autoterapia em relação a enlutar-se com uma perda, lidar com eventos traumáticos, confrontar com situações estressantes ou lidar com doença mental. Emoções dolorosas e experiências traumáticas às vezes não podem ser comunicadas por meio de palavras, mas a criação de coisas pode ser um meio para sua expressão, uma manifestação externa de turbilhão interior ou de experiências muito pesadas, e pode ajudar a esclarecer questões ou restaurar um sentido de amor-próprio.

Para ser claro nesse contexto: a criatividade não está inevitavelmente entrelaçada com o sofrimento; tragédia e dor emocional não são pré-requisitos para atividade artística; e as produções criativas para a vasta maioria dos indivíduos classificados como “artistas *outsider*”, “artistas visionários”, “artistas autodidatas” e artistas em geral não estão necessariamente ligadas a trauma ou crise de vida. Ainda que muitos dos indivíduos discutidos neste estudo tenham usado a criatividade como um meio de lidar com infortúnios, eles não são apresentados aqui como de alguma forma representantes de artistas autodidatas ou “*outsider*” em geral.



Figura 1: Ionel Talpazan em seu apartamento de Nova York em 1996. Foto: Ted Degener.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

As características potencialmente terapêuticas do fazer artístico são ilustradas pela arte de Ionel Talpazan (1955-2015), um refugiado da Romênia que vivia em Nova York. Talpazan criou mais de mil pinturas, desenhos e esculturas inspirados por suas ideias sobre discos voadores e vida no espaço exterior. Ele dizia que “sacrificou sua vida aos UFO” e seu sonho era o de compartilhar suas ideias com cientistas da NASA; seu objetivo máximo era revelar as tecnologias desconhecidas e os significados ocultos dos feiticeiros voadores, na esperança de ajudar a humanidade.

A obra inicial de Talpazan com frequência mostra cenas do espaço exterior e as energias do cosmos em um estilo expressionista, sendo suas telas densamente texturizadas com ricos pigmentos. Sua obra posterior inclui grandes diagramas de UFOs que revelam os detalhes da tecnologia dos discos voadores, com suas teorias a respeito de seus sistemas de propulsão por vezes neles escritos (por exemplo, tecnologias antigravitacionais, magnéticas, antimagnéticas, nuclear, vácuo e assim por diante). Esses desenhos lembram máquinas voadoras do tipo mandala, iluminadas, que irradiam halos de energia ou que vibram com alucinatória intensidade. Com seus detalhes metuculosos, clareza de forma, e a absoluta devoção de Talpazan a eles, esses diagramas comunicam uma genuína credibilidade.

Talpazan equipara a tecnologia dos discos voadores com leis cósmicas e algum tipo de espiritualidade universal: “Minha arte mostra tecnologia espiritual, algo belo e além da imaginação humana, que vem de outra galáxia. Algo superior em inteligência e tecnologia. Assim, em termos relativos, é como o Deus, é perfeito”. Ele esperava que suas teorias e ilustrações pudessem ser usadas para propósitos pacíficos, para salvar o meio ambiente, evitar um desastre nuclear e ajudar a criar um mundo melhor.



Figura 2: Ionel Talpazan. UFO: Art & Science, Future do Peace the Earth, 2003, pintura em poster, marcador, caneta e tinta sobre papel, 101,6 x 63,5 cm.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Ao longo de sua vida, Talpazan enfrentou uma excessiva quantidade de traumas emocionais, da dureza de seus anos iniciais (abandono e abuso na infância, opressão, tentativas de fuga da Romênia, prisão, campos de refugiados) às dificuldades de sua vida nos Estados Unidos, lutando para sobreviver como um refugiado em Nova York, sem teto em duas ocasiões, vivendo no limiar da pobreza, e mal sendo capaz de pagar seu aluguel e suas contas.

Talpazan explicou o significado pessoal de sua arte nesse contexto: “Minha vida é como uma bomba, atômica – pode explodir a qualquer momento... Refugio-me em minha mente pensando sobre os UFOs; esse é o meu escape dos problemas. Encontro minha liberdade pessoal através dos meus desenhos... Vou em uma dimensão diferente, para esquecer de minha vida”.



Figura 3: Ionel Talpazan. *Neutra Mystery UFOs*, 2013, bastão de óleo, marcador, caneta e pintura sobre papel, 50 x 74 cm. American Primitive Gallery, Nova York.

As ideias de maravilhamento cósmico, escapismo, liberdade e de ser “de outro lugar” eram temas centrais na vida de Talpazan, e o ícone global do UFO simboliza essas noções. Como numerosos teóricos demonstraram, crenças vernaculares sobre discos voadores são essencialmente um fenômeno religioso, uma atualização de ideias mais antigas sobre um mediador divino, um sincretismo de novos deuses e tecnologia sobre-humana, oferecendo escape e salvação. Carl Jung, em seu influente livro *Discos voadores: um mito moderno de coisas vistas nos céus*, argumentou que a forma circular do disco voador lembra o arquétipo da mandala encontrado na mitologia, em sonhos e na iconografia ao redor do mundo, o qual é com frequência utilizado para focar a atenção, induzir estados de transe e criar espaço sagrado. Jung considerava a mandala como uma expressão do eu, de completude e de Deus. Ele observava que durante tempos de trauma pessoal, fragmentação ou crise societal, mandalas são com frequência visualizadas e criadas por pessoas que anseiam por harmonia, estabilidade e equilíbrio

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

psíquico. Para ilustrar suas teorias, Jung na verdade adquiriu alguns dos desenhos geometricamente ordenados de Adolf Wölfli que continham o simbolismo da mandala, tais como *Faculdade Médica* (1905). Formas do tipo mandala e padrões repetitivos caracterizam a arte de numerosos artistas autodidatas e visionários, incluindo Martín Ramirez, Eugene Andolsek, Paul Laffoley e Charles Dellschau.

Uma noite em que eu estava visitando Talpazan, ele retomou seu trabalho em uma grande peça que ele chamava de *UFO prateado*. Enquanto a noite avançava eu o observava retraçar e repintar seu diagrama em forma de mandala madrugada adentro, até cerca de 5h30 da manhã, ajoelhado no chão, trabalhando em sereno silêncio, sua face a centímetros de distância do desenho, com sua pomba branca, Maria, empoleirada em seu ombro, arrulhando quietamente. Talpazan não estava apenas desenhando uma espaçonave; o próprio processo era um ato do tipo transe e terapêutico, uma suspensão de tempo e espaço. Inteiramente imerso no ato criativo, sua imagem de um disco voador o transportava para outra dimensão, livre das dificuldades de sua vida.



Figura 4: Gregory Van Maanen em Patterson, Nova Jersey, c. 1990, foto: Ted Degener.

O conceito de fluxo, como um estado mental de envolvimento totalmente focado e energizado em uma atividade que proporciona um sentido de atemporalidade, foi proposto pelo psicólogo Mihaly Csikszentmihalyi depois de suas observações, nos anos 1960, de artistas que se tornaram tão engajados no processo criativo que ignoravam sua necessidade de comida, água e sono, e perdiam seu sentido de tempo e de eu. Como Csikszentmihalyi a descreve, a experiência de fluxo é tão plena que nada mais

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

parece importar: “O ego desaparece. O tempo voa. Cada ação, movimento e pensamento segue inevitavelmente o anterior, como ao se tocar jazz. O seu ser inteiro é envolvido, e você está usando suas habilidades ao máximo”.¹



Figura 5: Gregory Van Maanen. *Sem título*, 2009, acrílico sobre cartão, 14,6 x 9,5 cm. Cavin-Morris Gallery, Nova York.

Para o veterano do Vietnã Gregory Van Maanen (nascido em 1947), fazer arte se tornou um empreendimento catártico, oferecendo um grau de cura emocional do trauma. No dia 27 de fevereiro de 1969, nos campos de batalha do Vietnã, Van Maanen, então com 21 anos, viu como seus companheiros de infantaria foram mortos ao seu lado, e foi ferido e deixado à morte. Uma unidade de resgate mais tarde o encontrou, e ele passou vários meses se recuperando em um hospital antes de retornar para sua cidade natal, Paterson, em Nova Jersey. De volta aos Estados Unidos, ele era atormentado pelas memórias do Vietnã; uma bala ainda está alojada em seu ombro, uma lembrança

1- GEIRLAND, John. Go with the flow. *Wired magazine*, n. 4.09, 4 set., 1996.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

das feridas que ele sofreu durante a guerra. Por um tempo ele teve dificuldade de falar sobre suas experiências, mas então começou a pintar e esculpir como uma forma de lidar com suas batalhas em andamento com o estresse pós-traumático. Ele diz que para ele arte é uma forma de medicina e ritual, um modo de “liberar as cenas” em sua mente e purgar energias negativas, às vezes em “um fluxo natural”.²



Figura 6: Gregory Van Maanen. *Sem título*, 2009, acrílico sobre cartão, 28,6 x 22,9 cm. Cavin-Morris Gallery, Nova York.

Como muitos outros veteranos, por anos Van Maanen experimentou ataques de pânico, *flashbacks*, hipervigilância e insônia – sintomas comuns do estresse pós-traumático. Ele evitava espaços lotados e se aventurava na rua apenas quando obrigado, dispendendo a maior parte de seu tempo pintando em seu porão, que ele chamava de seu “*Bunker* de segurança”. Sua obra inicial com frequência expressava a raiva que ele

2- MORRIS, Randall. *Full Moon, White Light*. New York: Cavin-Morris Gallery, 2010. p. 23.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

sentiu depois da guerra; o processo de criar milhares de desenhos, pinturas e esculturas que representam crânios de espíritos, olhos que tudo veem, fantasmas, explosões de luz e criaturas de pesadelo, era catártico e “purificador”. Algumas de suas obras mais recentes expressam um sentido de paz, renascimento e gratidão; muitas dessas obras são do tipo mandala em seu *design*, caracterizadas por formas circulares chapadas e configurações simetricamente precisas. Tendo obtido alguma medida de controle sobre o trauma de guerra, a arte de Van Maanen se tornou um meio de poder pessoal, auto-revelação e transcendência. Ele diz que não pensa mais em sua obra como “arte”, mas como remédio e oração criados com o propósito de curar e ajudar a humanidade, especialmente outros veteranos que podem se relacionar com a obra.³ Seu uso de materiais descartados é significativo aqui; essas coisas abandonadas, como os veteranos do Vietnã que foram deixados de lado, quebrados, e com frequência tratados como “lixo” depois que retornaram da guerra, são consideradas como tendo valor, são recuperadas e transformadas através do processo criativo.

Para veteranos e outros indivíduos que experienciaram trauma, a criação artística pode oferecer benefícios terapêuticos consideráveis, em particular como meio de expressar visualmente e de integrar experiências que são difíceis de se colocar em palavras. Trauma não é apenas por natureza psicológico, mas reside no corpo como uma experiência fisiológica e sensorial. A atividade física de criar coisas permite a possível expressão e processamento das memórias sensoriais dos eventos traumáticos de maneiras que a comunicação verbal não consegue. O meio da obra de arte em si, seja papel, tela, escultura ou outra forma, serve como um “*container*” manejável para materializar emoções muito pesadas, permitindo que os indivíduos ganhem um senso de controle sobre memórias intrusivas e de outro modo respostas difíceis de dominar. A imersão completa no processo criativo, como descrito por Van Maanen, Talpazan, Kevin Blythe Sampson, Hiroyuki Doi, Eugene Andolsek e outros, pode amenizar o tumulto interior, proporcionar um efeito calmante e evocar sentimentos positivos de fluxo ou transformação. Além disso, como ilustrado pelos relatos de inúmeros artistas discutidos neste estudo, fazer arte pode ajudar a reconstruir a identidade e servir como base para o estabelecimento de laços significativos com os outros, ambos tendo considerável valor terapêutico para aqueles que experienciaram trauma.

Ao se contextualizar o sofrimento individual e se tentar compreender respostas artísticas à adversidade, torna-se aparente que os esforços criativos dos indivíduos aqui destacados não são idiossincráticos. Ao invés disso, seu fazer artístico revela uma resposta comportamental familiar à crise de vida e à dor emocional: indivíduos com pouco ou nenhum treinamento artístico descobriram os aspectos terapêuticos do processo criativo. Através deste estudo, ênfase particular foi colocada nas múltiplas fontes que influenciaram a obra de indivíduos específicos, assim como suas razões para fazer arte. Essa abordagem considera os objetos tangíveis que pessoas fazem não como artefatos distintos, mas como manifestações de comportamento, formados pelas circunstâncias que influenciam sua criação, assim como pelo conhecimento de

3- WOLF, Jeffrey. *Geory Van Maanen: A Spirit in a Spirit World*. The Kohler Foundation/A Breakaway Films Production, 2007.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

práticas culturais e técnicas existentes. Ao invés de conceituar esses criadores como inteiramente idiossincráticos e intocados pela cultura, ou de celebrar sua percebida outridade e, em última instância, exilá-los nos confins da sociedade, a perspectiva aqui oferecida convida esses artistas a partir das margens, os inclui em “nosso” mundo e revela suas conexões com a cultura e com a mais ampla humanidade.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.45
Jan/Jun 2021
e-ISSN: 2179-8001

Daniel Wojcik

Professor de Inglês e Estudos Folclóricos na Universidade de Oregon. Seus livros incluem *Punk and Neo-Tribal Body Art*; *The End of the World as We Know It: Faith, Fatalism, and Apocalypse in America*; e *Outsider Art: Visionary Worlds and Trauma*.

Texto publicado em: 30/06/2021

Como citar: WOJCIK, Daniel; KERN, Tradução Daniela. Arte e trauma. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, v. 26, n. 45, jan-jun. 2021. ISSN 2179-8001.

Doi:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.118453>.
